

No mundo de hoje: atitudes perante as pessoas idosas

*Cristina Palmeirão*¹

*Isabel Menezes*²

RESUMO: Este estudo centrou-se na análise dos inquéritos aplicados a crianças em idade escolar, com vista a identificar as suas atitudes associadas à pessoa idosa. Simultaneamente, quisemos aferir se fatores de género, condição socioeconómica e contextos interferem na construção de atitudes face à pessoa idosa. A Escala de Kogan foi a ferramenta usada para observar as atitudes das crianças face às pessoas idosas. A utilização desta escala exigiu a tradução da versão original para a língua portuguesa e adequação para os propósitos definidos. A versão final inclui apenas 10 dos 17 pares de questões (34 itens), num total de 20 itens. Em termos de amostra, o estudo que agora se apresenta foi composto por 463 crianças em idade escolar dos distritos do Porto e Braga a frequentarem escolas públicas e privadas.

Os resultados da investigação sugerem atitudes positivas face aos idosos em especial na “coabitação”, “heterogeneidade”, “história” e “humor” e menos positivas nas dimensões da “saúde” e da “relação com os jovens”. Obviamente, um caminho a melhor preparar em prol de uma sociedade que se quer solidária e para todas as idades.

ABSTRACT: This study focused on the analysis of surveys applied to school-age children, to identify their attitudes associated with the elderly. Simultaneously, we wanted to assess whether gender factors, socio-economic conditions and contexts influence the construction of attitudes towards the elderly. The Kogan Scale was the tool used to observe the attitudes of children to the elderly. The use of this scale required the translation of the original version into Portuguese and suitability for specific purposes. The final version includes only 10 of the 17 pairs of questions (34 items), a total of 20 items. In terms of sample, the

¹ Universidade Católica Portuguesa, Porto.

² Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

study now presented was composed of 463 school-age children from the districts of Porto and Braga attending public and private schools.

Research results suggest positive attitudes to the elderly in particular in ‘cohabitation’, ‘heterogeneity’, ‘history’ and ‘humor’ and less positive on the dimensions of ‘health’ and ‘relationship with the young.’ One way that needs to be improved for the benefit of a society that is intended to be supportive and for all ages.

1. Atitudes perante as pessoas idosas

1.1. Atitudes e (auto)imagens

As pessoas não formam ou mantêm as suas atitudes em isolamento. Fazem-no inseridas num determinado contexto sócio-histórico e cultural, num encadeamento de influências e de aprendizagens que modulam crenças, valores e sentimentos. Eagly e Chaiken (1993) reconhecem ser a atitude um constructo de difícil definição porquanto se trata de um “estado interior, com alguma estabilidade temporal” (*idem*), circunstância que a distingue de outros constructos mais efémeros (*e.g.* estados emocionais) ou mais estáveis (*e.g.* traços de personalidade). “As atitudes expressam-se sempre através de um *juízo avaliativo*”, argumenta Luísa Lima (2006, p. 189), pese o facto de este “juízo” poder assumir diferentes dimensões (cognitiva, afetiva, emocional) e diferentes direções (positiva/negativa; favorável/desfavorável). Em todo o caso, a maioria dos autores considera as atitudes como aprendidas e, portanto, alteráveis (Bohner e Wanke, 2002).

Os estereótipos mais amplamente aceites em relação aos adultos mais velhos incluem a noção de que toda a pessoa idosa experimenta uma deterioração profunda de competências intelectuais (Cornelius e Caspi, 1986; Ryan, 1992), que os idosos são pouco atrativos (Janelli, 1986), são infelizes (Tuckman e Lorge, 1956), e não podem participar em atividades físicas (Ostrow, Keener e Perry, 1987). Petra Jelenec e Melanie C. Steffens (2002) referem que pessoas idosas formam um grupo estigmatizado nas sociedades ocidentais de hoje. Também Meshel e McGlynn (2004) refletem sobre a ambiguidade de atitudes face aos indivíduos seniores e a dificuldade em ultrapassar os estereótipos a eles associados. Tal como aconteceu com outros conceitos, também o termo “idoso” sugere atitudes negativas, estereótipos e discriminação fundadas na idade cronológica. Claro que não podemos negar

que envelhecer implica perdas em domínios diversos, mas há que entender dois aspetos essenciais: o processo de desenvolvimento é um processo que envolve perdas e ganhos desde o nascimento até à morte (Baltes, 1986) e existe uma considerável diversidade e heterogeneidade entre os “idosos”. Estudos há que argumentam que, por exemplo, atitudes negativas para com as pessoas mais velhas podem conduzir a uma forma de idadismo (Butler, 1969) e, conseqüentemente, afetar o autoconceito dos indivíduos mais velhos (Rodin e Langer, 1980).

George Minois (1999) refere que muitos foram os autores a proclamarem a velhice um estado de sabedoria, ainda que, na opinião de Sagrera Martin (1992), sobressaia a conotação negativa, o que, segundo Maria-Teresa Bazo (1990), muito tem contribuído para que, em determinadas situações, seja a própria pessoa idosa a obstruir a possibilidade de derrubar o “muro” que isola o idoso da família, da comunidade e, sobretudo, da sociedade.

É, pois, tendo em conta que as atitudes são construções provisórias que encetamos o presente estudo. Conhecer o tipo de atitude das crianças em idade escolar acerca da pessoa idosa e a partir daí identificar a tendência cognitiva, afetiva e social que domina o pensamento destas crianças foi o mote deste trabalho. Assumindo objetivos essencialmente descritivos, este estudo visa entender a natureza das atitudes das crianças face aos idosos, o que pode constituir um passo importante para ajudar a desmistificar os muitos estereótipos que, ainda hoje, fazem com que se olhe as questões da velhice e do envelhecimento de forma redutora e bastante negativa. Contrariar a ideia de que a pessoa idosa é fatalmente uma pessoa doente é um desafio crescente na atual sociedade.

E se é verdade que os preconceitos sobre a velhice e o envelhecimento estão ainda enraizados na conceção clássica da cultura ocidental, é igualmente verdade que o importante avanço da Gerontologia muito tem contribuído para o reconhecimento de que a velhice é mais uma fase do ciclo vital do ser humano, na qual se produzem transformações, e também uma fase de desenvolvimento e de novas descobertas conforme as circunstâncias de cada indivíduo (Fernández-Ballesteros, 2000; Fonseca, 2005; Paúl, 1997; Requejo Osório e Pinto, 2007; Vandenplas-Holper, 2000).

Gerar novas oportunidades de partilha e cooperação intergeracional é o nosso maior desafio; para isso é preciso refletir e gerar atitudes positivas de forma a destruir velhos preconceitos e, assim, derrubar os

obstáculos de comunicação entre as diferentes gerações. Lobo Antunes (2007) fala da necessidade de refletir a “ética do quotidiano” (p. 83) por oposição à “ética contemporânea” cujo lema é, frequentemente, a discussão em torno do começo e/ou do fim da vida, preterindo o “tempo intermédio” enquanto tempo de reflexão e de planificação da velhice e da passagem à reforma. Uma teoria que se fundamenta na designada “autoplasticidade adaptativa” do ser humano (Antunes, 2007, p. 88): “aqueles que aplicam seleção, otimização e compensação como estratégias comportamentais sentem-se melhor com eles próprios”.

1.2. Dos Objetivos

Como já afirmado, foi nossa finalidade descrever as atitudes que as crianças em idade escolar têm em relação à pessoa idosa. Para o efeito, adaptamos um instrumento de observação das atitudes face às pessoas idosas para ser utilizado junto de crianças do 1.º ciclo, tendo em vista a avaliação de projetos de educação intergeracional, e fizemos a análise das atitudes das crianças atendendo às diferenças: de sexo, do tipo de escola (privada vs pública) e do nível socioeconómico, através da profissão do pai e/ou da mãe.

2. Metodologia do estudo

Face à população e aos objetivos definidos optamos pelo recurso a uma metodologia cuja plataforma de investigação se alicerça na aplicação de um inquérito por questionário e respetiva análise de dados. De resto, uma metodologia usada sempre que ambicionamos “estudar opiniões, atitudes e pensamentos de uma dada população” (Sousa, 2005, p. 153) e que consiste “em suscitar um conjunto de discursos individuais, em interpretá-los e generalizá-los” (Ghiglione e Matalon, 1995, p. 2). Todavia, há requisitos indispensáveis a respeitar, como o propósito do inquérito, que deverá ser claro, específico, objetivo e coerente e, sobretudo, obedecer a princípios éticos, sob pena de “minar” a natureza do trabalho investigativo.

Os sujeitos devem ser tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação. Ainda que alguns investigadores defendam o uso da investigação dissimulada, verifica-se um consenso relativo a

que na maioria das circunstâncias os sujeitos devem ser informados sobre os objetivos da investigação e o seu consentimento obtido (...)
(Bogdan e Biklen, p. 77).

Nesta lógica há que elaborar um inquérito que permita ao inquirido responder de acordo com a sua história de vida e representações socioculturais (Afonso, 2005, p. 103). Por outro lado, o inquérito por questionário, segundo Pardal e Correia (1995), tem várias vantagens, porquanto é suscetível de ser administrado a uma amostra lata de população em estudo e garante, em princípio, o anonimato. Neste pressuposto, o recurso a esta prática satisfaz três requisitos. O primeiro é facilitar o acesso a um número significativo de pessoas e lugares, o segundo é rentabilizar os recursos humanos existentes e o terceiro é “agilizar” o próprio processo de recolha de dados. J. Abric (1997) afirma que o inquérito por questionário é a prática mais utilizada no estudo das representações.

2.1. Instrumento

Para analisar atitudes os investigadores usam, normalmente, dois tipos de instrumentos: perguntas em aberto e escalas (Bornstein, 1986; Golde e Kogan, 1959; Kogan, 1979). Encontrar na literatura instrumentos de observação que pudessem ser utilizados no estudo em curso revelou-se uma tarefa delicada, porquanto não encontramos um instrumento que satisfizesse as características da nossa amostra, crianças em idade escolar. Regra geral, os instrumentos usados são adequados para a população jovem em situação de aprendizagem e em contexto de formação universitária ou mesmo em situação de estágio profissional.

Nestas condições, a opção tomada foi adequar o instrumento que melhor respondia às dimensões em estudo. E na opinião de Stremmel, Travis e Kelly-Harrison (1996), a Escala de Kogan (EK) é um instrumento moderno e amplamente utilizado para a medir atitudes em relação às pessoas idosas. A EK é uma escala progressiva, constituída por uma coleção de 34 itens [que correspondem a 17 pares (positivo/negativo)], em que as respostas são cotadas e combinadas para produzir uma classificação (Dawis, 1987, p. 481).

2.1.1. Escala de Kogan (EK)

A Escala de Kogan foi construída em 1961 com a finalidade de medir a componente de atitude afetiva para as pessoas idosas (Kogan 1961a, b, Brown *et al.*, 1992; Haight *et al.*, 1994; Lookindland & Anson, 1995; McDowell *et al.*, 1999; Soderhamn *et al.*, 1994, citado por Lambrinou, Sourtzi, Kalokerunou e Lemonidou, 2005, p. 1245). A validade e a fiabilidade deste instrumento foi comprovada nos trabalhos de Burns e Grove (1997) e de Sachini-Kardasi (1997), o que foi um critério para a sua seleção.

A Escala de Kogan foi, assim, a ferramenta usada para observar as atitudes das crianças face às pessoas idosas. A utilização desta escala exigiu a tradução da versão original para a língua portuguesa. Esta versão foi sujeita a uma reflexão falada com um grupo de seis crianças a frequentar o 4.º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos³. A versão final inclui apenas 10 dos 17 pares de questões (34 itens), num total de 20 itens (Quadro 1)

Quadro 1 – Versão final da escala Kogan

Discordo Muito					Concordo Muito
1. Seria melhor se as pessoas idosas vivessem com pessoas da sua idade.					
1	2	3	4	5	6
2. A maioria das pessoas idosas sente-se doente facilmente.					
1	2	3	4	5	6
3. A maioria das pessoas idosas vive em função do passado e não consegue mudar.					
1	2	3	4	5	6
4. A maioria das pessoas idosas é capaz de se ajustar a novas situações, quando é preciso.					
1	2	3	4	5	6
5. Seria melhor se as pessoas idosas vivessem com pessoas mais jovens.					
1	2	3	4	5	6
6. A maioria das pessoas idosas preferia continuar a trabalhar, se pudesse.					
1	2	3	4	5	6
7. As pessoas idosas são todas diferentes umas das outras.					
1	2	3	4	5	6
8. As pessoas tornam-se mais sábias com a idade.					
1	2	3	4	5	6

³ Foi também realizada uma reflexão falada com 3 indivíduos seniores porque era nosso objetivo usar o questionário com os idosos participantes na intervenção.

9. A maioria das pessoas idosas é igual.					
1	2	3	4	5	6
10. A maioria das pessoas idosas sente-se bem por ser assim.					
1	2	3	4	5	6
11. A maioria das pessoas idosas cansa os outros ao repetir que “no meu tempo é que era bom”.					
1	2	3	4	5	6
12. Uma das qualidades interessantes e divertidas é ouvir as pessoas idosas a contar as histórias do passado.					
1	2	3	4	5	6
13. Raramente ouvimos as pessoas idosas queixarem-se do comportamento dos mais jovens.					
1	2	3	4	5	6
14. A maioria das pessoas idosas preferia deixar de trabalhar.					
1	2	3	4	5	6
15. A maioria das pessoas idosas é irritável, aborrecida e desagradável.					
1	2	3	4	5	6
16. A maioria das pessoas idosas é humorada, alegre e boa.					
1	2	3	4	5	6
17. A maioria das pessoas idosas queixa-se do comportamento dos mais jovens.					
1	2	3	4	5	6
18. A maioria das pessoas idosas precisa de amor, como qualquer outra pessoa.					
1	2	3	4	5	6
19. A maioria das pessoas idosas é afetivamente muito carente.					
1	2	3	4	5	6
20. É incorreto dizer que a sabedoria vem com a idade.					
1	2	3	4	5	6

Quanto à organização, seguimos a estrutura do autor, reiterando a metodologia definida por Ghiglione e Matalon (1997, p. 144), ou seja, misturar as questões de caráter positivo e as de caráter negativo e, desta forma, facilitar a reflexão, questão a questão.

O questionário é constituído, essencialmente, por três partes:

- i) instruções de preenchimento;
- ii) questões de natureza sociodemográfica (sexo, idade, profissão);
- iii) 20 itens relativos a atitudes.

Em termos de procedimentos, o questionário foi distribuído e recolhido pela investigadora em contexto de aula, contando-se para o efeito com a cooperação dos/das professores/professoras responsáveis.

3. Descrição da amostra

A amostra utilizada neste estudo, composta por 463 participantes, faz parte de uma população de crianças em idade escolar dos distritos do Porto e Braga. Estas crianças de ambos os sexos e, na sua maioria (numa percentagem superior a 90%), com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos, frequentam escolas públicas e privadas.

No Quadro 2 é possível observar como se distribui a amostra pelas variáveis sociodemográficas: “sexo”, “setor de atividade profissional do pai”, “setor de atividade profissional da mãe” e “tipo de escola” (pública ou privada) que frequenta. Relativamente aos setores de atividade, a classificação apresentada resulta, em primeira instância, da aplicação da Classificação Nacional de Profissões enquanto reportório de todas as profissões existentes em Portugal. O extenso rol de profissões existentes (cerca de 1700) fez-nos optar pelo sistema tradicional, ou seja, por setores económicos: primário, secundário e terciário, o que implicou associar as profissões pela formação exigida e pelo tipo de trabalho realizado.

Quadro 2 – Variáveis sociodemográficas

		Frequência	Percentagem	Percentagem válida
Sexo	Masculino	229	49,5	49,5
	Feminino	234	50,5	50,5
	Omissos	-	-	-
	Total	463	100	100
Setor de atividade profissional do pai	Primário	236	51,0	58,6
	Secundário	88	19,0	21,8
	Terciário	79	17,1	19,6
	Omissos	60	13,0	
	Total	463	100	100
Setor de atividade profissional do pai	Primário	241	52,1	61,0
	Secundário	82	17,7	20,8
	Terciário	72	15,6	18,2
	Omissões	68	14,7	
	Total	463	100	100
Tipo de escola que frequenta	Pública	396	85,5	85,5
	Privada	67	14,5	14,5
	Omissos	-	-	-
	Total	463	100	100

Num primeiro comentário à composição da mesma amostra pode referir-se que na sua generalidade há alguns desequilíbrios entre categorias. A (importante) exceção observa-se relativamente à variável “sexo”, com percentagens de participantes do sexo masculino e do sexo feminino muito próximas dos 50%. A amostra encontra-se perfeitamente equilibrada no que diz respeito a esta variável (49,5% masculino e 50,5% feminino).

Relativamente às variáveis referentes aos setores de atividade profissional do pai e da mãe, assim como o tipo de escola frequentada, o número de participantes nas diferentes categorias varia consideravelmente. Assim temos que cerca de 60% (dos casos válidos) tanto dos pais como das mães das crianças da amostra possuem atividades profissionais que pertencem ao setor primário, o que torna este setor mais representado do que os setores secundário (com cerca de 20% dos casos válidos, também num e noutro caso) e terciário (com 18 e 19% dos casos válidos) (Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1 – Setor de atividade profissional do pai

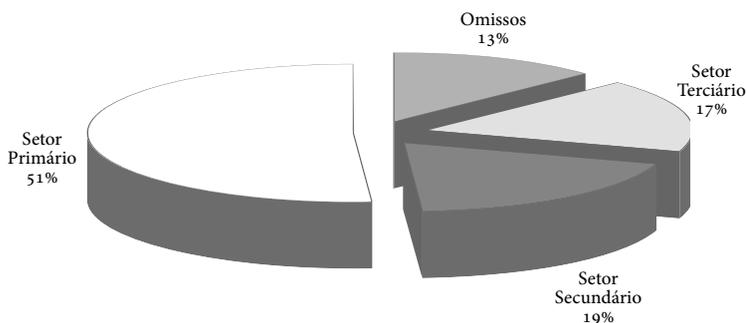
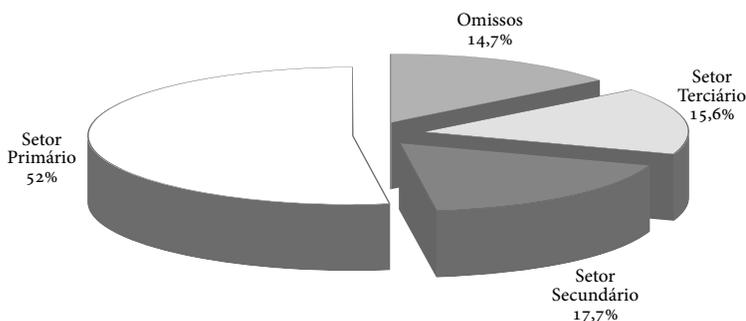
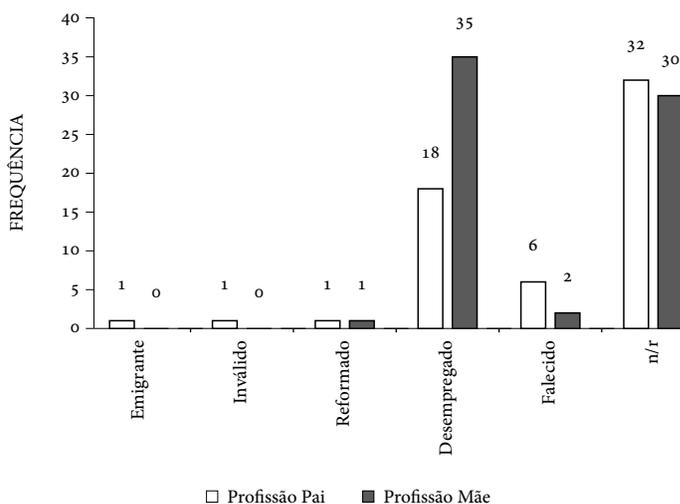


Gráfico 2 – Setor de atividade profissional da mãe



De notar também a percentagem de casos omissos nas variáveis que descrevem os setores de atividade profissional do pai e da mãe dos participantes. Esta percentagem é relativamente elevada, entre 13 e os 14%. Contudo, estes valores devem-se, sobretudo, à categorização das profissões por setores e à impossibilidade de enquadrar situações específicas como desempregado, reformado ou emigrante (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Atividades profissionais omissas

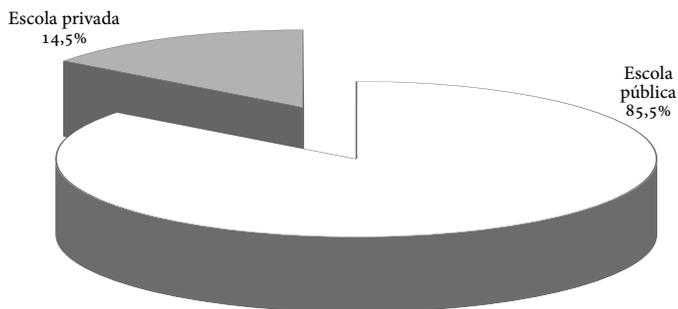


Assim sendo, os índices percentuais por omissão relativos à situação profissional do pai e à atividade profissional da mãe não ultrapassa os 7%. Do gráfico ressalta que cerca de 30 crianças não responderam ao item respeitante à situação profissional dos pais/encarregados de educação.

Finalmente, a maioria das crianças que participam neste estudo frequentam escolas públicas, com apenas 14,5%, 67 das 463 crianças, a frequentarem escolas privadas (Gráfico 4).

Foi a partir desta amostra que se procurou conhecer as atitudes das crianças relativamente às pessoas idosas. O estudo é apresentado em dois momentos: o primeiro é de exploração das atitudes globalmente encontradas na amostra e das tendências de variação que foi possível detetar quando se olhou mais profundamente para os dados recolhidos; o segundo observa os efeitos das variáveis sociodemográficas – “sexo”, “setor de atividade profissional do pai”, “setor de atividade profissional da mãe” e “tipo de escola” (pública ou privada) frequentada – nas mesmas atitudes.

Gráfico 4 – Tipo de escola frequentada



4 – Resultados e discussão

4.1. As atitudes das crianças em idade escolar relativamente aos idosos

Foi já apresentada noutras secções deste trabalho a escala de observação utilizada: a Escala de Kogan das Atitudes face aos Idosos (EK), que observa o modo como os sujeitos se posicionam. A impossibilidade de encontrar valores de fiabilidade (*alpha*) aceitáveis obrigou à criação de novas variáveis, e, nesse sentido, a alternativa foi criar 10 variáveis, a partir dos pares de itens que compõem o instrumento original. Assim, o instrumento é constituído por 10 pares de itens. Cada par apresenta uma mesma questão mas configura polos distintos: um positivo e outro negativo. As 10 variáveis criadas combinam a informação dos dois itens de cada par (Quadro 3):

Quadro 3 – Variáveis de observação

Variáveis de observação	
1. Coabitação	os idosos devem viver com pessoas mais jovens (polo positivo) ou com pessoas da sua idade (polo negativo);
2. Saúde	os idosos sentem-se bem como estão (polo positivo) ou sentem-se facilmente doentes (polo negativo);
3. Adaptação	os idosos são capazes de ajustar-se a novas situações (polo positivo) ou são incapazes de mudar (polo negativo);
4. Trabalho	os idosos prefeririam continuar a trabalhar (polo positivo) ou preferem deixar de trabalhar (polo negativo);

5. Heterogeneidade	os idosos são todos diferentes (polo positivo) ou são todos iguais (polo negativo);
6. Sabedoria	as pessoas tornam-se mais sábias com a idade (polo positivo) ou não se tornam mais sábias com a idade (polo negativo);
7. História	os idosos contam histórias do passado que são interessantes (polo positivo) ou cansam os outros a falar do “seu tempo” (polo negativo);
8. Relação com os jovens	os idosos raramente se queixam dos mais jovens (polo positivo) ou queixam-se do comportamento dos mais jovens (polo negativo);
9. Humor	os idosos são pessoas bem-humoradas e alegres (polo positivo) ou são pessoas irritáveis e desagradáveis (polo negativo);
10. Afeto	os idosos tal como as outras pessoas necessitam de afeto (polo positivo) ou são afetivamente muito carentes (polo negativo).

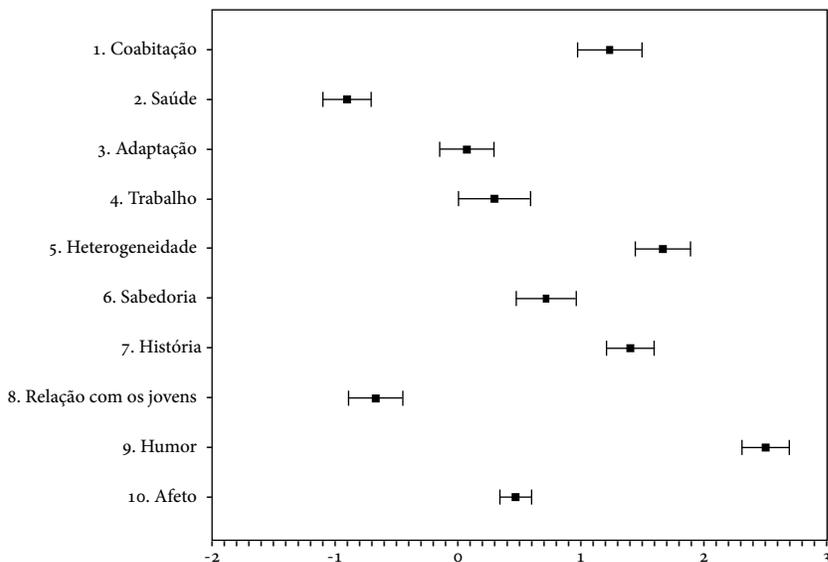
Assim, por exemplo, os itens q1 (seria melhor se as pessoas idosas vivessem com pessoas da sua idade) e q5 (seria melhor se as pessoas idosas vivessem com pessoas mais jovens) surgem como uma única variável e a atual reconfiguração varia agora entre -5 e 5 e já não entre 1 e 6. Nesta sequência, cada uma destas variáveis assume valores entre -5 (o sujeito discrimina entre os polos positivo e negativo e valoriza maximamente o negativo e minimamente o positivo) e 5 (o sujeito discrimina entre os polos positivo e negativo e valoriza maximamente o positivo e minimamente o negativo) e, tendo em conta que o valor zero nos indica que os sujeitos não discriminam entre os polos positivo e negativo de uma mesma dimensão, a primeira observação feita relativamente às atitudes das crianças face aos idosos prende-se com as médias destas variáveis para o conjunto da amostra. Os resultados obtidos são apresentados no Gráfico 5, no qual se apresentam também os intervalos de confiança (a 95%) para os mesmos valores das médias, e no Quadro 4, no qual se podem ainda consultar os dados relativos aos desvios-padrões das distribuições de observações para cada variável.

Tanto a partir da observação da Quadro 2 como do Gráfico 5 é possível recolher informações interessantes relativamente ao modo como as crianças em idade escolar veem os idosos. Tal como é claro no gráfico apresentado, as atitudes são diferentes para as diferentes dimensões observadas. Diversas dimensões distinguem-se nos valores das suas médias, e estas possuem valores entre $-0,90$ e $2,44$.

Apresentando os valores (das médias) mais claramente negativos para as variáveis “saúde” e “relação com os jovens”, observa-se que as crianças em idade escolar tendem a considerar que os idosos se sentem doentes facilmente (este polo é mais valorizado do que o que apresenta os

idosos como sentindo-se bem como estão), e a considerar que os idosos apresentam frequentemente queixas relativamente ao comportamento dos mais jovens (este polo é mais valorizado do que o que apresenta os idosos como não se queixando do comportamento dos mais jovens).

Gráfico 5 – Intervalos de confiança (CI a 95%)



Quadro 4 – Média e desvio-padrão das distribuições de observações para cada variável

Variável	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
1. Coabitação	458	-5	5	1,14	2,45
2. Saúde	459	-5	5	-0,90	1,98
3. Adaptação	451	-5	5	3,55E-02	2,10
4. Trabalho	458	-5	5	,26	2,72
5. Heterogeneidade	457	-5	5	1,61	2,33
6. Sabedoria	460	-5	5	,63	2,51
7. História	460	-5	5	1,37	2,19
8. Relação com os jovens	457	-5	5	-0,60	2,15
9. Humor	446	-5	5	2,44	2,21
10. Afeto	457	-5	5	,49	1,43
N de casos válidos (<i>listwise</i>)	411				

Embora haja um conjunto de variáveis que apresentem médias próximas de zero, relativamente às quais as crianças não se posicionaram claramente favorecendo um dos polos – *e.g.* variáveis “adaptação” e “trabalho” –, a maioria das dimensões observadas apresenta médias maiores do que zero, valores positivos que nos indicam que as crianças, na medida em que discriminam entre os polos, favorecem o polo positivo no modo como veem os idosos.

Assim, e para referir particularmente os valores mais claramente positivos, temos que as crianças em idade escolar tendem a considerar as pessoas idosas mais bem-humoradas e alegres do que irritáveis e desagradáveis (humor), mais como sendo todas diferentes do que todas iguais (heterogeneidade), mais como contando histórias interessantes acerca do passado do que como aborrecendo os outros com histórias do seu tempo (história) e ainda mais como pessoas que devem viver com outras pessoas mais jovens do que pessoas que devem viver com pessoas da mesma idade (coabitação).

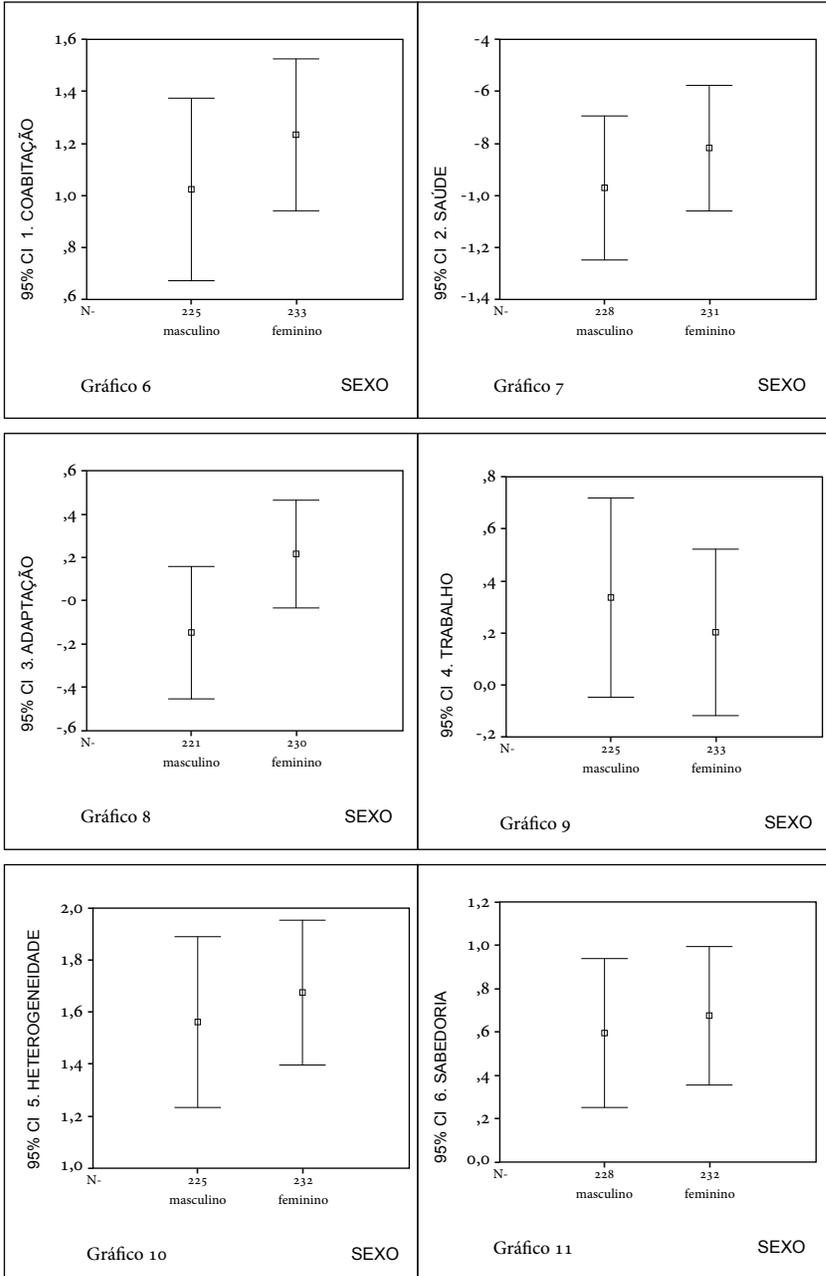
4.2. Os efeitos das variáveis sociodemográficas nas atitudes das crianças em idade escolar face às pessoas idosas

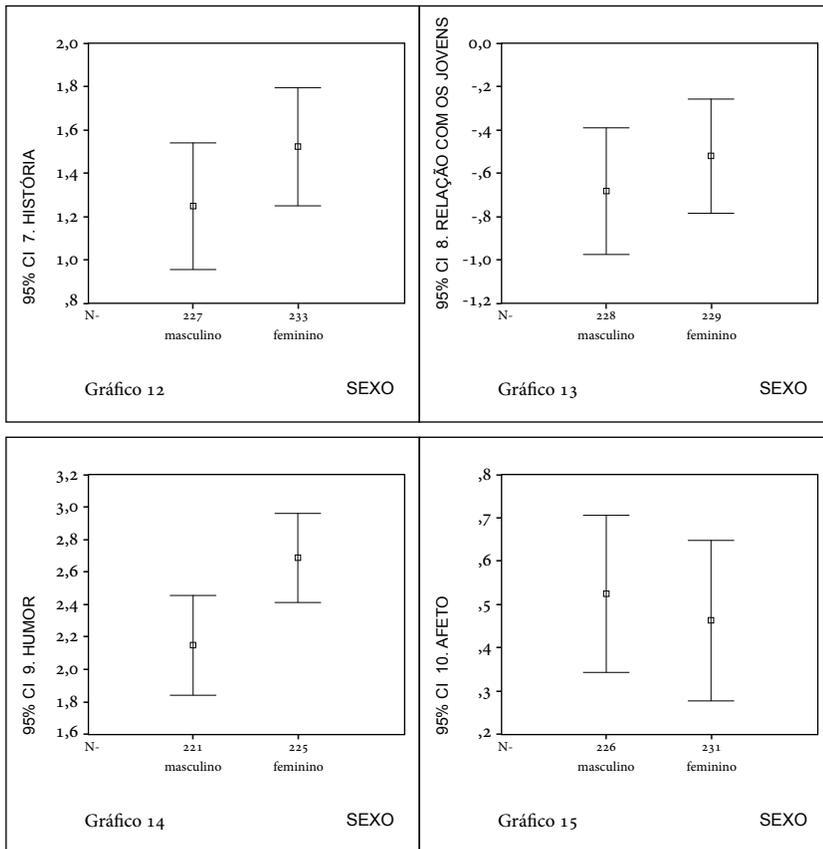
Nesta secção procura-se compreender como variam as atitudes das crianças em idade escolar relativamente às pessoas idosas quando se têm em conta diferentes variáveis sociodemográficas, neste caso o “sexo”, o “setor da atividade profissional do pai”, o “setor da atividade profissional da mãe” e o “tipo de escola” (pública ou privada) frequentada.

4.2.1. *Efeitos da variável “sexo”*

Uma primeira exploração dos efeitos da variável “sexo” foi realizada observando os Gráficos 6 a 15. Neles estão representadas, para cada uma das dimensões, as médias e intervalos de confiança dos sujeitos do sexo masculino e feminino.

Gráficos 6 a 15 – Dimensões, as médias e intervalos de confiança dos sujeitos





Da leitura dos gráficos, salientam-se três observações principais:

- a) Os sujeitos do sexo feminino tendem a apresentar valores (ainda que ligeiramente) mais elevados do que os do sexo masculino. As exceções são as variáveis “afeto” e “trabalho”, relativamente às quais os sujeitos do sexo masculino apresentam médias mais elevadas.
- b) As médias dos sujeitos do sexo masculino e feminino são quase sempre bastante próximas e, tendo em conta a magnitude dos intervalos de confiança que lhes estão associados, a observação dos gráficos leva-nos a considerar pouco provável que se venham a encontrar efeitos estatisticamente significativos para a variável “sexo” no que diz respeito às dimensões das atitudes face aos idosos aqui em estudo. A possível exceção é a variável “humor”. Relativamente a esta é-nos possível observar que existe uma distância maior entre a média dos sujeitos do sexo masculino e feminino, com esta última a ser consideravelmente mais elevada. A pequena sobreposição entre

os intervalos de confiança abre a possibilidade de nesta variável, a relativa à dimensão que apresenta os idosos como pessoas bem-humoradas e alegres (o polo positivo) ou como pessoas irritáveis e desagradáveis (o polo negativo), se encontrarem efeitos estatisticamente significativos da variável “sexo” com as raparigas a revelarem atitudes mais positivas.

Para testar os efeitos da variável “sexo” foram realizadas análises de variância multivariadas. Nesta análise (e nas subsequentes) atenderemos sempre ao valor do Traço de Pillai e do seu nível de significância, que deve ser inferior a ,050 e que nos indica se as diferenças entre grupos são estatisticamente significativas. Adicionalmente, registaremos ainda o valor do tamanho do efeito (Eta2), cujos valores tidos como referência são: 0,01 indica um efeito pequeno; 0,06, um efeito médio; e 0,14 sinalizaria um efeito de tamanho grande; e do poder observado que nos dão indicação sobre a robustez dessas diferenças (vd. Ferreira, 2006). Para o poder obs., são “bons” os valores muito próximos de 0,800 ou acima deste valor. Valores claramente abaixo deste valor são considerados problemáticos (ou que não existe poder suficiente na análise para detetar as diferenças).

A partir da observação dos valores apresentados pelos testes multivariados, neste caso valores do Traço de Pillai e os valores de significância estatística a ele associados ($p=,572$) – claramente superiores a ,050 –, o baixo valor do tamanho do efeito ($\text{Eta}2=,021$) e o baixo poder observado na análise (poder obs.=,457), devemos concluir que não há evidência estatística que aponte para diferenças significativas nas médias de sujeitos dos sexos masculino e feminino no que diz respeito às variáveis das atitudes relativamente às pessoas idosas, as variáveis dependentes utilizadas nesta análise. Tais resultados são consistentes com o que se observara já aquando da primeira exploração gráfica dos dados e levam-nos a considerar não haver efeitos significativos ou de dimensão relevante da variável “sexo” nas atitudes das crianças relativamente às pessoas idosas (Quadro 5).

Quadro 5 – Testes Multivariados

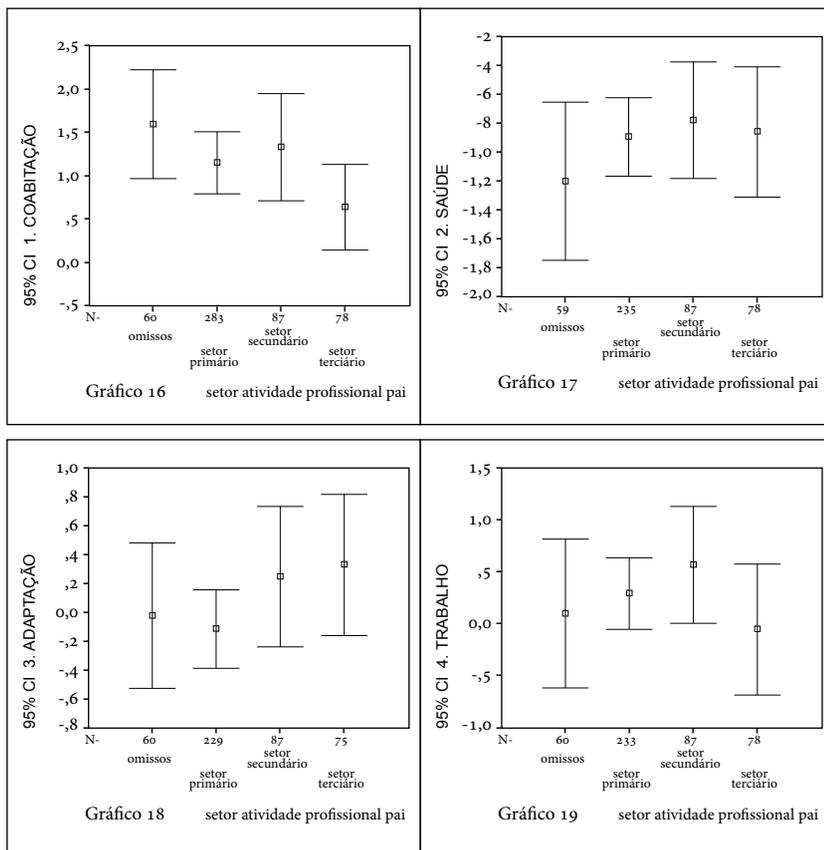
	Valor	F	Sig.	Eta2	Poder obs.
Traço de Pillai	,021	,859	,572	,021	,457

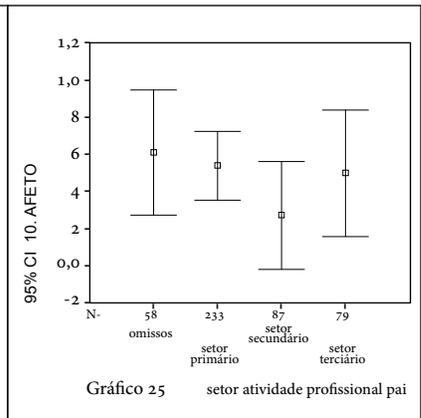
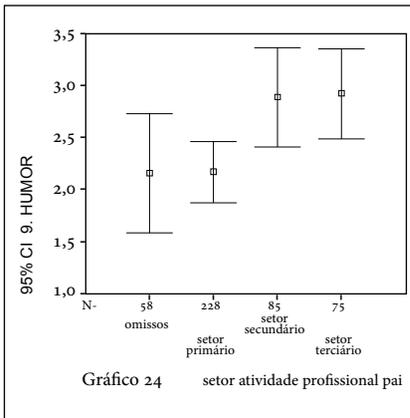
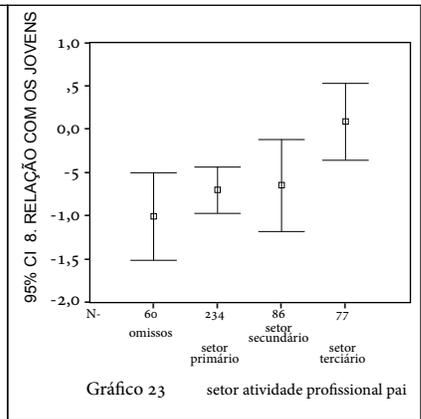
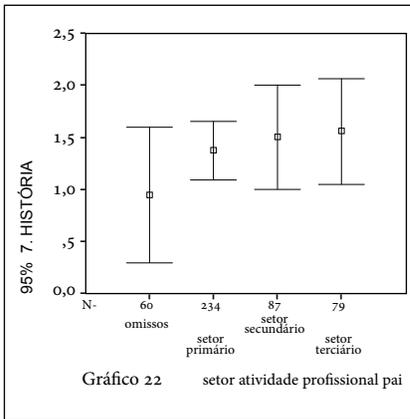
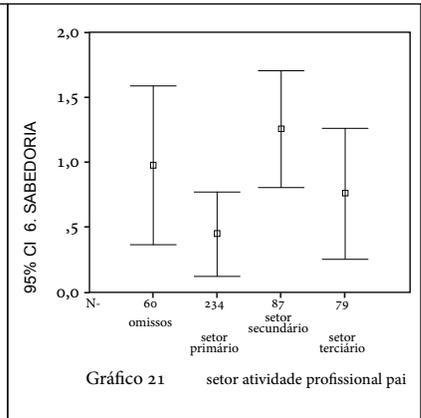
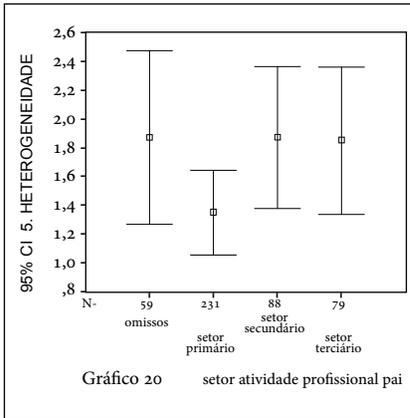
4.2.2. Efeitos das variáveis relativas aos setores de atividade profissional do pai e da mãe

4.2.2.1. Da atividade profissional do pai

A leitura dos gráficos 16 a 25 oferece-nos a perspetiva global dos setores económicos e consequente distribuição laboral dos pais das crianças inquiridas.

Gráficos 16 a 25 – Da atividade profissional do pai





Da observação dos gráficos ressalta:

- a) A média da variável “omissos” (13%).
- b) A média do setor primário é, na maioria das questões, inferior à dos setores secundário e terciário.
- c) As médias para os vários setores (primário, secundário e terciário) são muito próximas e, tendo em conta a magnitude dos intervalos que lhe estão associados, a observação dos gráficos leva-nos a considerar pouco provável que se venham a encontrar efeitos estatísticos significativos para a variável “setores económicos” no que diz respeito às dimensões das atitudes face às pessoas idosas, com exceção para “coabitação” e “humor”. Relativamente a estas, observamos que existe uma distância maior entre as médias dos diferentes setores. A pequena sobreposição entre os intervalos de confiança abre a possibilidade de, face a estas variáveis, a relativa à dimensão que refere que os idosos devem viver com pessoas mais jovens (polo positivo) ou com pessoas da sua idade (polo negativo) e àquela que refere que os idosos são pessoas humoradas e alegres (polo positivo) ou são pessoas irritáveis e desagradáveis (polo negativo), se encontrarem efeitos estatisticamente significativos da variável “profissão do pai” com a direção das diferenças a ser positiva, ou seja, aumentando a média à medida que aumenta o setor de atividade.

A partir da observação dos resultados dos testes multivariados, no caso valores do Traço de Pillai e os valores de significância estatística a ele associados ($p = ,054$) – ligeiramente acima de $,050$ – o baixo valor do tamanho do efeito ($\eta^2 = ,043$) e o alto poder observado na análise (poder obs. = $,950$), podemos concluir que há evidência estatística que aponta para diferenças significativas nas médias “setor económico/profissão do pai” no que respeita às variáveis das atitudes relativamente às pessoas idosas, as variáveis dependentes utilizadas nesta análise. Tais resultados são consistentes com o que se observara já aquando da primeira exploração gráfica dos dados e levam-nos a considerar a existência de efeitos significativos ou de tamanho importante da variável profissão do pai nas atitudes das crianças relativamente às pessoas idosas (Quadro 6).

Quadro 6 – Testes multivariados

	Valor	F	GL Hip.	Sig.	Eta2	Poder Obs.
Traço de Pillai	,087	1,571	20,000	,054	,043	,950

Analisando o Quadro 7, Testes dos Efeitos Entre-Sujeitos, verificamos que há diferenças significativas nas variáveis dependentes, “relação com os jovens” apresenta um valor de significância menor do que ,050 (,022), um baixo valor do tamanho do efeito (,021), e um baixo poder de observação (,695); “humor” apresenta um valor de significância menor do que ,050 (,002), um baixo valor do tamanho do efeito (,035) e um alto poder de observação (,904). Assim, podemos concluir que há evidência estatística que aponta para diferenças significativas nas médias das variáveis dependentes (“relação com os jovens” e “humor”) no que respeita aos setores económicos – primário, secundário e terciário.

Quadro 7 – Testes dos Efeitos Entre-Sujeitos

	Variável dependente	Soma dos quadrados	GL	F	Sig.	Eta2	Poder obs.
Setor ativ. pai	1. Coabitação	19,188	2	1,582	,207	,009	,335
	2. Saúde	4,232	2	,564	,570	,003	,143
	3. Adaptação	17,414	2	1,894	,152	,011	,393
	4. Trabalho	13,416	2	,897	,409	,005	,204
	5. Heterogeneidade	14,142	2	1,294	,276	,007	,280
	6. Sabedoria	13,169	2	1,048	,352	,006	,233
	7. História	,855	2	,093	,911	,001	,064
	8. Relação com os jovens	37,092	2	3,845	,022	,021	,695
	9. Humor	61,512	2	6,460	,002	,035	,904
	10. Afeto	2,070	2	,513	,599	,003	,134

Já a análise do Quadro 8, Comparações emparelhadas com correção Sidak, permite aferir da direção assumida pelas variáveis setores económicos face às atitudes das crianças em relação às pessoas idosas. Assim, face à variável “relação com os jovens”, as crianças cujos pais trabalham no setor terciário têm atitudes mais positivas do que as crianças cujos pais trabalham no setor primário. Quanto ao “humor”, as crianças cujos pais trabalham no setor secundário ou terciário têm, também, atitudes mais positivas do que as crianças cujos pais trabalham no setor primário (Quadro 8).

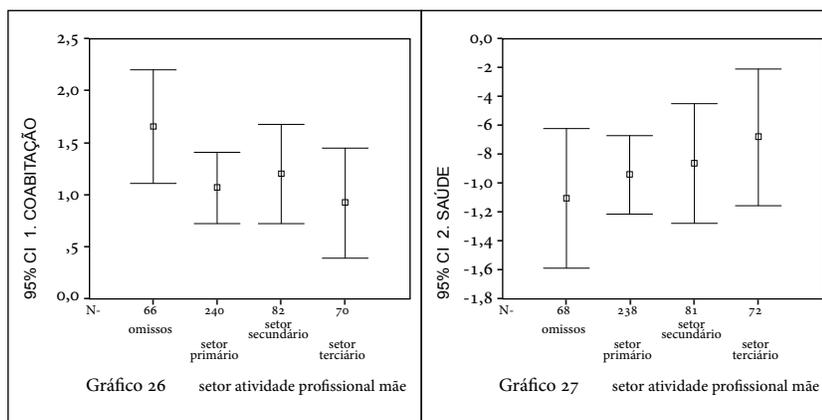
Quadro 8 – Comparações emparelhados com ajustamento Sidak

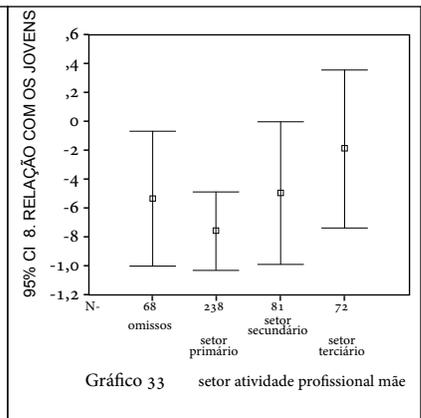
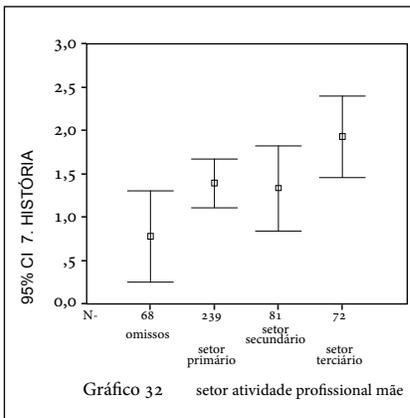
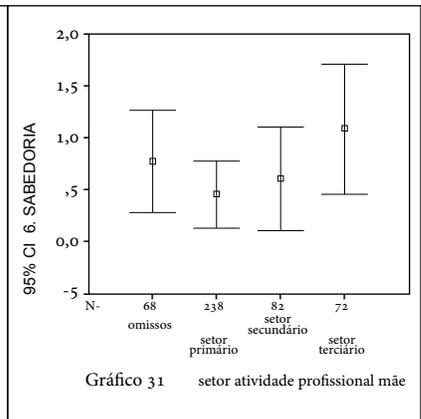
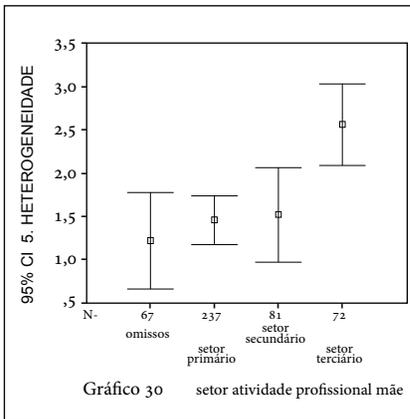
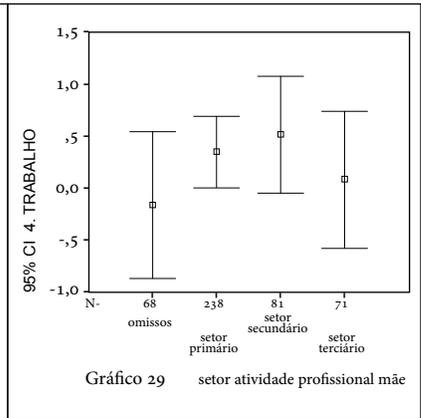
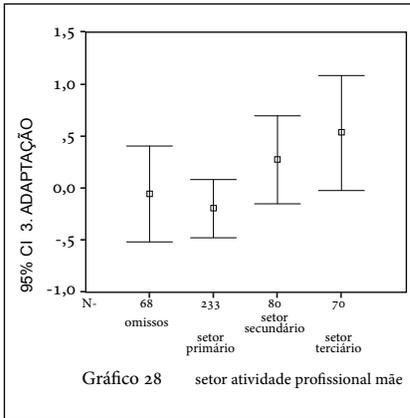
Variável Dependente	(I) setor atividade profissional pai	(J) setor atividade profissional pai	Diferença de médias (I-J)	Sig.	Intervalo de confiança (95%) para a diferença das médias	
8. Relação com os jovens	Primário	Secundário	-,195	,873	-,882	,493
		Terciário	-,851	,017	-1,588	-,115
	Secundário	Primário	,195	,873	-,493	,882
		Terciário	-,656	,194	-1,521	,208
	Terciário	Primário	,851	,017	,155	1,588
		Secundário	,656	,194	-,208	1,521
9. Humor	Primário	Secundário	-,875	,007	-1,558	-,192
		Terciário	-,797	,028	-1,528	-6,497E-02
	Secundário	Primário	,875	,007	,192	1,558
		Terciário	7,819E-02	,995	-,780	,937
	Terciário	Primário	,797	,028	6,497E-02	1,528
		Secundário	-7,819E-02	,995	-,937	,780

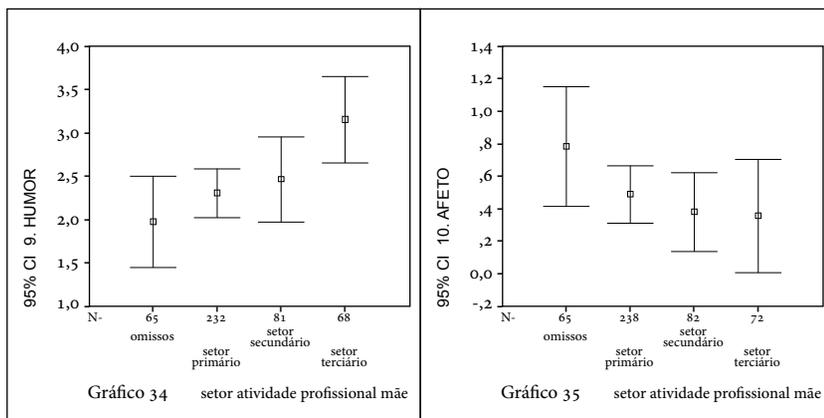
4.2.2.2 – Da atividade Profissional da Mãe

A leitura dos gráficos 26 a 35 oferece-nos a perspetiva global dos setores económicos e consequente distribuição laboral das mães das crianças inquiridas.

Gráficos 26 a 35 – Da atividade profissional da mãe







Da observação dos gráficos ressalta:

- A média da variável “omissos” (14%).
- A média do setor terciário é, na maioria das questões, superior à dos setores primário e secundário, com exceção das questões “coabitação”, “trabalho” e “afeto”.
- As médias para os setores primário, secundário e terciário são muito próximas, tendo em conta a magnitude dos intervalos que lhe estão associados, e leva-nos a considerar pouco provável que se venham a encontrar efeitos estatísticos significativos para esta variável, no que diz respeito às dimensões das atitudes das crianças face às pessoas idosas. As exceções são as questões “relação com os jovens”, “heterogeneidade” e “humor”. Quanto à “relação com os jovens” é-nos possível observar que existe uma distância maior entre a média dos diferentes setores, verificando-se uma subida de valor médio positivo do setor terciário em relação ao do primário e do secundário. A pequena elevação contínua entre os intervalos de confiança abre a possibilidade de se encontrarem efeitos estatisticamente significativos. No que concerne às variáveis “heterogeneidade” e “humor”, observamos que existe uma distância maior entre as médias dos setores primário, secundário e terciário, sendo este último consideravelmente mais elevado.

O resultado dos testes multivariados permite constatar a existência de diferenças significativas dos valores do Traço de Pillai e dos valores de significância estatística a ele associados ($p=,011$) – muito abaixo de $,050$ –, o baixo valor do tamanho do efeito ($\text{Eta}^2=,053$) e o alto poder observado na análise (poder obs.=,983). Assim, parecem existir dife-

renças significativas nas médias setor económico/profissão da mãe no que respeita às atitudes relativamente às pessoas idosas. Tais resultados são consistentes com o que se observara já aquando da primeira exploração gráfica dos dados (Quadro 9).

Quadro 9 – Testes multivariados

	Valor	F	GL Hip.	Sig.	Eta2	Poder Obs.
S.a. mãe Traço de Pillai	,106	1,894	20,000	,011	,053	,983

Analisando o Quadro 10, Testes dos Efeitos Entre-Sujeitos, verificamos que as variáveis dependentes, “adaptação”, “heterogeneidade” e “humor”, apresentam um valor de significância menor do que ,050, baixos valores de tamanho de efeito e poderes de observação variáveis. Depois disto, devemos concluir que há de facto evidência estatística que aponta no sentido de diferenças significativas nas médias da variável dependente no que respeita aos setores económicos da profissão da mãe.

Quadro 10 – Testes dos Efeitos Entre-Sujeitos

	Variável dependente	Soma dos quadrados	GL	F	Sig.	Eta2	Poder obs.
Setor ativ. mãe	1. Coabitación	3,619	2	,293	,746	,002	,096
	2. Saúde	10,193	2	1,354	,260	,008	,291
	3. Adaptação	37,575	2	4,066	,018	,023	,721
	4. Trabalho	9,151	2	,613	,542	,004	,152
	5. Heterogeneidade	58,316	2	5,431	,005	,030	,845
	6. Sabedoria	33,004	2	2,512	,083	,014	,502
	7. História	16,900	2	1,781	,170	,010	,372
	8. Relação com os jovens	24,741	2	2,558	,079	,015	,510
	9. Humor	39,897	2	4,163	,016	,023	,732
	10. Afeto	,212	2	,054	,948	,000	,058

Já a análise do Quadro 11, Comparações emparelhadas com correção Sidak, permite aferir da direção assumida pelas variáveis setor atividade profissional da mãe face às atitudes das crianças em relação às pessoas idosas. Assim, face às questões “adaptação”, “heterogeneidade” e “humor” podemos concluir que a tendência verificada é a de os valores para as variáveis aumentarem do setor primário para o setor

terciário. No entanto, só foi possível estabelecer valores estatisticamente significativos para a variável “adaptação” no que respeita à relação entre o terciário e o primário sendo que o setor terciário é maior que o setor primário ($p=,053$). Para a variável “heterogeneidade” foi possível encontrar diferenças estaticamente significativas para os pares setor terciário e primário ($p=,003$) e setores terciário e secundário ($p=,053$), sempre com vantagem para o setor terciário. E para a variável “humor” observou-se que a média para o setor terciário é significativamente maior que a média para o setor primário ($p=,013$).

Quadro 11 – Comparações emparelhadas com ajustamento Sidak

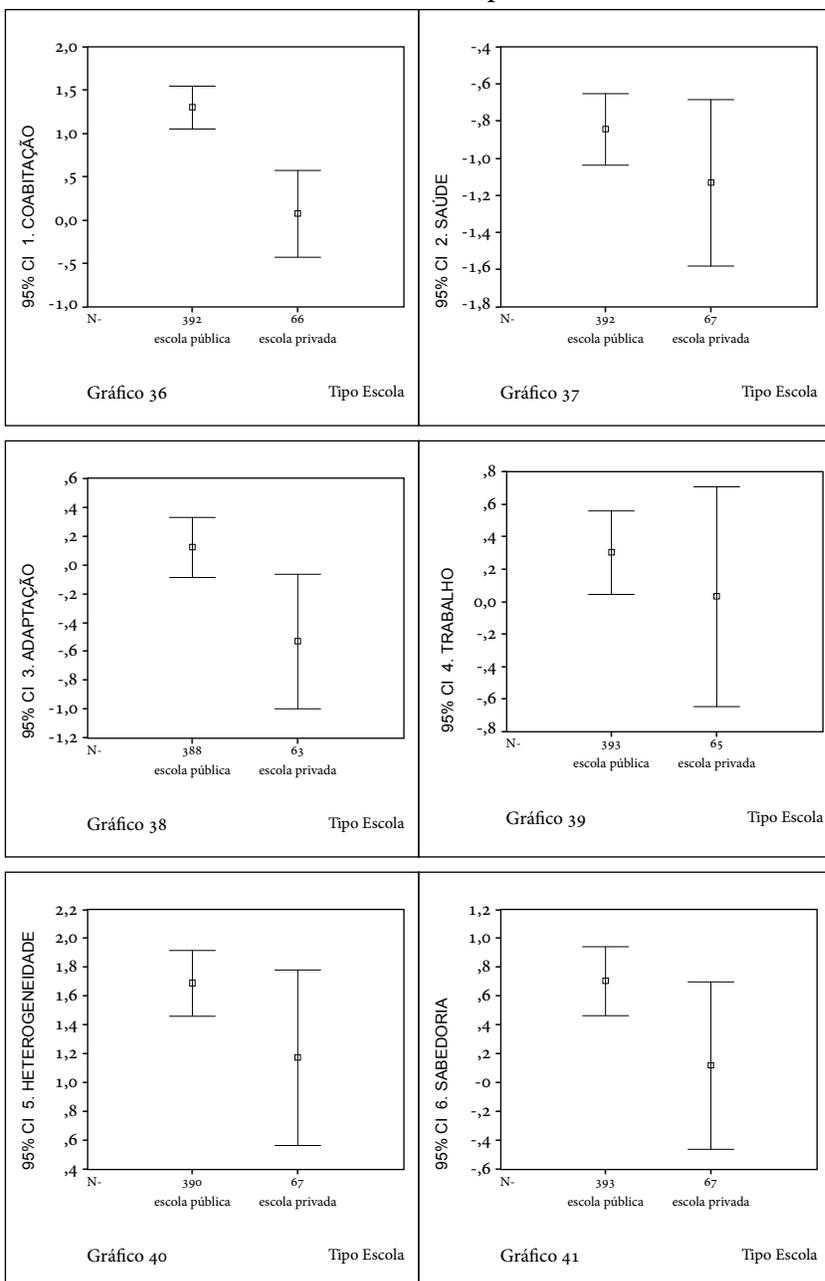
Variável Dependente	(I) setor atividade profissional mãe	(J) setor atividade profissional mãe	Diferença de Médias (I-J)	Sig.	Intervalo de Confiança (95%) para a diferença das médias	
3. Adaptação	Primário	Secundário	-,609	,101	-1,299	8,141E-02
		Terciário	-,730	,053	-1,466	6,522E-03
	Secundário	Primário	,609	,101	-8,141E-02	1,299
		Terciário	-,121	,983	-,996	,754
	Terciário	Primário	,730	,053	-6,522E-03	1,466
		Secundário	,121	,983	-,754	,996
5. Heterogeneidade	Primário	Secundário	-,148	,950	-,893	,596
		Terciário	-1,084	,003	-1,878	-,290
	Secundário	Primário	,148	,950	-,596	,893
		Terciário	-,936	,053	-1,879	7,336E-03
	Terciário	Primário	1,084	,003	,290	1,878
		Secundário	,936	,053	-7,336E-03	1,879
9. Humor	Primário	Secundário	-,246	,787	-,949	,457
		Terciário	-,901	,013	-1,651	-,151
	Secundário	Primário	,246	,787	-,457	,949
		Terciário	-,655	,217	-1,546	,236
	Terciário	Primário	,901	,013	,151	1,651
		Secundário	,655	,217	-,236	1,546

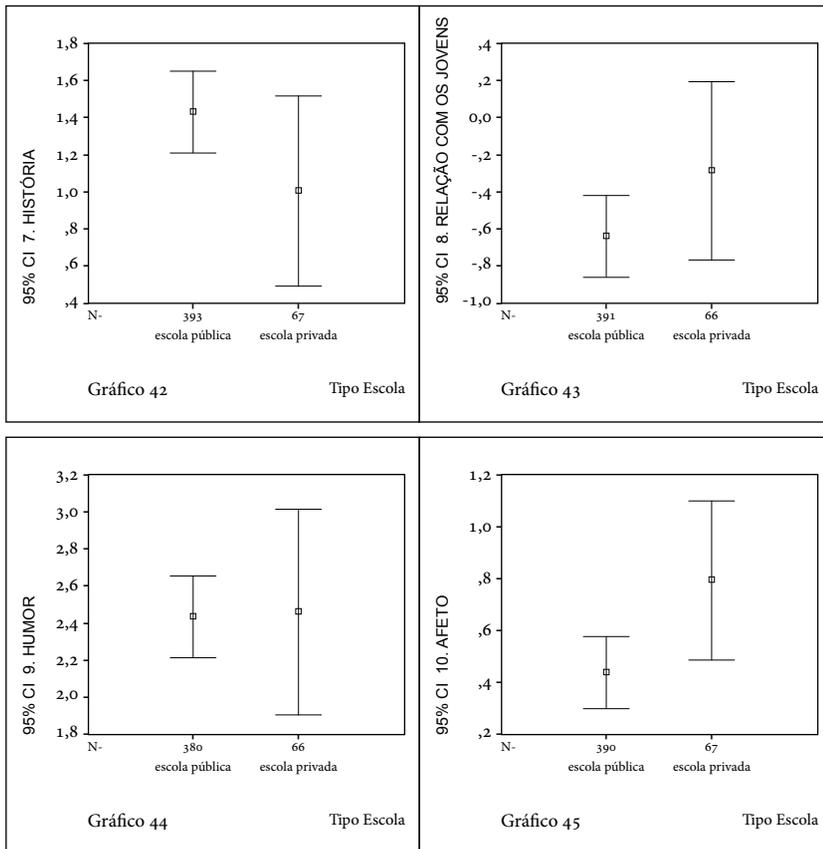
4.2.3. Efeitos da variável “tipo de escola” que frequenta

Os Gráficos 36 a 45 permitem-nos um primeiro olhar sobre os dados. A partir deles procuraremos ler tendências e apontar probabilidades

no que diz respeito às análises multivariadas de variância que apresentaremos de seguida.

Gráficos 36 a 45 – Do tipo de escola





Uma análise cuidada destes gráficos leva-nos a observar que:

- a) Para a maioria das dimensões o grupo das crianças que frequentam escolas públicas apresenta valores de média que são mais elevados do que o grupo das crianças que frequentam escolas privadas. As exceções encontram-se para a variável “humor” (polo positivo) para a qual as médias de um e outro grupo são praticamente iguais, e ainda para as variáveis “relações com os jovens” (polo positivo) e “afeto” (polo positivo), relativamente às quais se observa uma média mais elevada do grupo das crianças que frequentam escolas privadas.
- b) Para diversas das dimensões estudadas observam-se diferenças de médias que possuem uma magnitude considerável – e.g. “coabitação”, “adaptação”, “heterogeneidade”, “afeto” – o que nos leva a pensar que poderá ser encontrada, a partir dos procedimentos de

análise multivariada de variância, evidência de diferenças não devidas ao acaso entre estes grupos no que diz respeito às suas atitudes face aos idosos.

c) A magnitude dos intervalos de confiança para o grupo das crianças que frequenta escolas privadas é, em alguns casos, bastante maior do que aquela que se observa para os valores das médias do grupo das crianças que frequenta escolas públicas – sinalizando a diferença em termos de número de sujeitos de um e outro grupo. A perda de precisão na observação da média deste grupo, associada ao menor número de sujeitos que o compõe, poderá tornar mais difícil encontrar evidência estatística de diferenças sistemáticas entre os grupos.

d) Parece justificar-se não só avançar para os procedimentos de análise multivariada de variância mas também considerar esta como uma dimensão que poderá beneficiar de um estudo futuro no qual um grupo maior de sujeitos que frequentem escolas privadas seja incluído.

A partir da observação dos dados apresentados pelos testes multivariados, no caso valores do Traço de Pillai e os valores de significância estatística a ele associados ($p=,004$) – claramente inferior a $,050$ –, o valor do tamanho do efeito ($\eta^2=,062$) e o alto poder observado na análise (poder obs. $=,963$) devemos concluir que há evidência estatística que aponta no sentido de diferenças significativas nas médias “tipo de escola” no que respeita às variáveis das atitudes relativamente às pessoas idosas, as variáveis dependentes utilizadas nesta análise. Tais resultados são consistentes com o que se observara já quando da primeira exploração gráfica dos dados e levam-nos a considerar a existência de efeitos significativos ou de tamanho importante da variável “tipo de escola” nas atitudes das crianças relativamente às pessoas idosas (Quadros 12 e 13).

Quadro 12 – Testes multivariados

	Valor	F	GL Hip.	Sig.	Eta2	Poder obs.
Traço de Pillai	,062	2,652	10,000	,004	,062	,963

Quadro 13 – Testes dos Efeitos Entre-Sujeitos

	Variável dependente	Soma dos quadrados	GL	F	Sig.	Eta2	Poder obs.
Tipo escola	1. Coabitação	67,431	13	11,384	,001	,027	,920
	2. Saúde	,509	13	,133	,716	,000	,065
	3. Adaptação	14,896	13	2,321	,069	,008	,444
	4. Trabalho	3,254	13	,430	,512	,001	,100
	5. Heterogeneidade	14,849	13	2,727	,099	,007	,377
	6. Sabedoria	14,451	13	2,347	,126	,006	,333
	7. História	12,426	13	2,600	,108	,006	,363
	8. Relação com os jovens	15,758	13	3,348	,068	,008	,447
	9. Humor	4,455E-02	13	,009	,924	,000	,051
	10. Afeto	6,719	13	3,404	,066	,008	,453

Analisando o quadro 13, Testes dos Efeitos Entre-Sujeitos, verificamos que a variável dependente “coabitação” apresenta um valor de significância menor do que ,050, um baixo valor do tamanho do efeito de ,027 e um alto poder de observação de ,920. Depois disto devemos concluir que há de facto evidência estatística que aponta no sentido de diferenças significativas nas médias desta variável no que respeita ao binómio escola pública/escola privada. Além desta variável há outras (“adaptação”, “relação com os jovens” e “afeto”) que, apesar de apresentarem um valor ligeiramente acima de ,050, devemos considerar, porquanto apresentam valores similares que não vão além dos ,069 indicando diferenças marginalmente significativas.

Já a análise do Quadro 14, Comparações emparelhadas com correção Sidak, permite aferir das diferenças escola pública/escola privada face às atitudes das crianças em relação às pessoas idosas. Assim, perante as questões “coabitação” [os idosos devem viver com pessoas mais jovens (polo positivo) ou com pessoas da sua idade (polo negativo)] e “adaptação” [os idosos são capazes de ajustar-se a novas situações (polo positivo) ou são incapazes de mudar (polo negativo)], a escola pública apresenta médias mais altas. Quanto às questões “relação com os jovens” [os idosos raramente se queixam dos mais jovens (polo positivo) ou queixam-se do comportamento dos mais jovens (polo negativo)] e “afeto” [os idosos tal como as outras pessoas necessitam de afeto (polo positivo) ou são afetivamente muito carentes (polo negativo)] o sentido é precisamente o inverso, ou seja, a escola

privada apresenta atitudes mais positivas. Mesmo assim, convém reforçar que a significância estatística para a “coabitação” é francamente superior, enquanto as diferenças nas restantes variáveis são apenas marginalmente significativas (Quadro 14).

Quadro 14 – Comparações emparelhadas com correção Sidak

Variável dependente	(I) Tipo escola	(J) Tipo escola	Diferença de médias (I-J)	Sig.	Intervalo de confiança (95%) para a diferença das médias	
1. Coabitação	Pública	Privada	1,147	,001	,479	1,816
	Pública	Privada	-1,147	,001	-1,816	-479
3. Adaptação	Pública	Privada	,539	,069	-4,240E-02	1,121
	Pública	Privada	-,539	,069	-1,121	4,240E-02
8. Relação com os jovens	Pública	Privada	-,555	,068	-1,150	4,119E-02
	Pública	Privada	,555	,068	-4,119E-02	1,150
10. Afeto	Pública	Privada	-,362	,066	-,748	2,371E-02
	Pública	Privada	,362	,066	-2,271E-02	,748

Considerações finais

Do estudo podemos afirmar que a Escala de Kogan parece ser sensível a variações nas atitudes em função das variáveis independentes, o que é indicador da sua validade. E apesar de existir alguma variabilidade menos positiva, a verdade é que os resultados globais sugerem atitudes positivas face aos idosos em especial na “coabitação”, “heterogeneidade”, “história” e “humor”. As dimensões mais negativas são a “saúde” e a “relação com os jovens”. Os resultados observados para as variáveis independentes relativas ao “setor de atividade do pai” e “setor de atividade da mãe”, por exemplo, na dimensão “relação com os jovens” e na dimensão “humor”, revelam a tendência para os valores associados ao setor atividade primário serem inferiores aos de outros setores de atividade, especialmente quando comparamos com o do setor terciário. Essas diferenças de setor de atividade podem ser indicadores das experiências pessoais com idosos, induzindo na relação com o nível socioeconómico mais baixo do setor primário que pode ser causa de as pessoas idosas viverem em situações de menor qualidade e/ou satisfação de vida.

No que respeita ao “tipo de escola”, e apesar de não ter sido sempre possível verificar estatisticamente as diferenças, a tendência observa-

da em diversas dimensões foi a de que os alunos da escola pública diferenciam mais do que os da escola privada entre os polos positivos e os polos negativos, valorizando mais o polo positivo, à exceção das variáveis “relação com os jovens” e “afeto”, nas quais a tendência é contrária, embora apenas marginalmente significativa.

Aspeto curioso a realçar é a inexistência de diferenças de género, apesar de termos observado para as variáveis “afeto” e “trabalho” valores ligeiramente superiores das crianças do sexo feminino. Não obstante, os valores observados não têm expressão estatisticamente significativa, porquanto as médias encontradas para as crianças de ambos os sexos são muito semelhantes. Ainda assim, um caminho de aprendizagem permanente e uma cultura a construir em prol de uma sociedade que se quer solidária e para todas as idades.

Bibliografia

- Abric, J. (1997). Les représentations sociales : aspects théoriques. In J. Abric (Dir.). *Pratiques sociales et représentations* (pp. 11-37). Paris: Presses Universitaires de France, 2.ed.
- Antunes, J. (2007). As limitações da idade. In J. Brito (Coord.), *O fim da vida*. Braga: UCP
- Baltes, P. (1986). *The psychology of control and aging*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bazo, M. (1990). *La sociedad anciana*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bohner, G., & Wanke, M. (2002). *Attitudes and attitude change*. Canada: Psychology Press.
- Bornstein, R. (1986). The number, identity, meaning and salience of ascriptive attributes in adult person perception. *International Journal of Aging and Human Development*, 23, 127-140.
- Brown, D. et al. (1992). Improvement in attitudes toward the elderly following traditional and geriatric mock clinics for physical therapy students. *Physical Therapy* 72, 251-257.
- Burns, N. & Grove, S. (1997). *The practice of nursing research. Conduct, critique and utilization*, 3rd edn W.B. Philadelphia: Saunders Company.
- Butler, R. (1969). Age-ism: another form of bigotry. *Gerontologist*, 9, 243-246.
- Cornelius, S., & Caspi, A. (1986). Self-perceptions of intellectual control and aging. *Educational Gerontology*, 12, 345-357.
- Eagly, A., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich.
- Fernandéz-Ballesteros, R. (Dir.) (2000). *Gerontología Social*. Madrid: Ediciones Pirámide.

- Fonseca, A. (2005). *Desenvolvimento Humano e Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1995). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O Inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Golde, P., & Kogan, N. (1959). A sentence completion procedure for assessing attitudes toward old people. *Journal of Gerontology*, 14, 355-36.
- Haight, B., et al. (1994). Does nursing education promote ageism? *Journal of advanced Nursing*, 20, 382-390.
- Janelli, L. (1986). The realities of body image. *Journal of Gerontological Nursing*, 12, 23-27.
- Jelenec, P., & Steffens, M. (2002). Implicit attitudes toward elderly woman and men. *Current Research in Social Psychology* 2, 11-22.
- Kogan, N. (1979). Beliefs, attitudes and stereotypes about old people: a new look at some old issues. *Research on Aging*, 1, 11-36.
- Kogan, N. (1961a). Attitudes toward old peoples: the development of a scale and an examination of correlates. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 62, pp. 44-54.
- Kogan, N. (1961b). Attitudes toward old peoples in an older sample. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 62, 616-622.
- Lambrinou, E., Sourtzi, P., Kalokerinou, A., & Lemonidou, C. (2005). Reliability and validity of the Greek version of Kogan's Old People Scale. *Journal of Clinical Nursing*, 14, 1241-1247.
- Lima, M. (2006). Predictors of Attitudes towards the Construction of a Waste Incinerator: Two Case Studies. *Journal of Applied Social Psychology*, 36, 441-466.
- Lookindland, S., & Anson, K. (1995). Perpetuation of ageist attitudes among present and future health care personnel: implications for elder care. *Journal of advanced Nursing*, 21, 47-56.
- Mcdowell, N., et al. (1999). Effects of educational intervention in gerontology on hospital employees' knowledge of and attitudes about the older adult. *Journal of Allied Health*, 28, 212-219.
- Meshel, D., & Mcglynn, R. (2004). Intergeneracional contact, attitudes, and stereotypes of adolescents and older people. *Educational Gerontology*, 30, 457-479.
- Minois, G. (1999). *História da velhice no ocidente*. Lisboa: Teorema
- Ostrow, A., Keener, R. & Perry, S. (1987). The age-grading of physical activity among children. *International Journal of Aging and Human Development*, 24, 101-111.
- Palmeirão, C. (2001). Sementes de mudança. *Espaço(s) de construção de identidade profissional*. Educação Social. Porto: Universidade Portucalense, 2001, 23-31
- Palmeirão, C. (2007). O esforço do nosso tempo. Aprender na e com a vida as respostas da Pedagogia Social. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP, 125-134
- Palmeirão, C. (2008). A educação intergeracional no horizonte da Educação Social: compromisso do nosso tempo. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP, 81-100
- Palmeirão, C. (2008a). Aproximar gerações: o caminho da educação. *Rediteia*. Porto: REAPN, 23-25
- Pardal, L.; Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de Investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Paul, C. (1997). *Lá para o fim da vida. Idosos, família e meio ambiente*. Coimbra: Almedina.

- Requejo Osório, A., & Pinto, F. (2007). *As pessoas idosas. Contexto Social e Intervenção educativa*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rodin, J., & Langer, E. (1980). Aging labels: the decline of control and the fall of self-esteem. *Journal of Social Issues*, 36, 12-29.
- Ryan, E. (1992). *Beliefs about memory changes across the adult life*.
- Saachini-Kardasi, A. (1997). *Research methodology. Application in health studies*. Athens: Beta Publicacions.
- Sagrera, M. (1992). *El Edadismo. Contra "jóvenes" e "viejos". La discriminacion universal*. Madrid: Editorial Fundamentos.
- Soderhamm, O., et al. (2000). Reliability and validity of a Swedish version of Kogan's Old People Scale. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 14, 211-215.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Stremmel, A., Travis, S., & Kelly-Harrison, P. (1996). Development of the intergenerational exchanges attitude scale. *Educational Gerontology*, 22, 318-328.
- Tuckman, J. & Lorge, I. (1956). Perceptual stereotypes about life adjustments. *The Journal of Social Psychology*, 43, 239-245.
- Vandenplas-Holper, C. (2000). *Desenvolvimento Psicológico na idade adulta e durante a velhice (maturidade e sabedoria)*. Porto: Asa.